



Se já há um ambiente hostil nas comissões permanentes, como aconteceu com os ministros Marina Silva e Fernando Haddad, imagine em uma CPMI...

Pois é. Eu falei no Senado e falei na Câmara que a minha preocupação era que acontecesse isso. E, aí, você fica só numa disputa de narrativa. Esse processo vai paralisar uma parte do INSS, uma parte do ministério, para estar levantando documentos, respondendo, prestando atenção, assistindo a depoimento. E, no final das contas, você não vai efetivamente ter um ganho para sociedade. Por melhores que sejam os investigadores do Congresso, eu não me convenço de que algo será descoberto fora do que a CGU e do que a Polícia Federal já descobriram. O que pode haver é você trabalhar com esses dados de forma a divulgá-los mais para um lado, mais para o outro.

O escândalo mostrou um problema evidente com as associações. Qual é o plano para disciplinar isso, de modo a proteger o aposentado?

Eu vejo três caminhos hoje. Se eles forem cumpridos, conseguiremos blindar 99% das fraudes no ambiente atual. Se tivermos biometria no ato de se associar; reválidação anual; e uma fiscalização, por parte do INSS, do tipo de trabalho que é prestado pelas associações, pelo menos, essas fraudes vão desaparecer, porque você vai ter alguém fiscalizando.

Tudo isso pode ser feito no âmbito do ministério? Ou passa também pelo Legislativo?

O desconto em folha foi estabelecido em 1991, pelo Congresso Nacional. Se o governo quiser restabelecer o desconto em folha, hoje, ele pode. Não precisa consultar ninguém, porque já está previsto em lei. O que o INSS fez, por determinação do ministério, foi suspender todos os ACTs (Acordos de Cooperação Técnica). Ele pode restabelecer esses ACTs com outros critérios ou simplesmente não ter. Não vamos mais fazer e vai haver uma relação privada entre o associado e o associado ou aposentado que quiser se associar.

O Brasil está envelhecendo. Preocupam os números da Previdência?

Preocupam. Mas não podemos considerar o envelhecimento como uma coisa ruim. É uma conquista civilizatória. Algo muito bom, estamos vivendo mais.

Esse é um dos principais problemas do nosso sistema de Previdência. Hoje, tem cada vez mais aposentados recebendo por um período maior do que de contribuição. A conta não vai fechar nunca...

É verdade. Nós entendemos e temos essa preocupação com essa conta. É um desafio não só para o Brasil, mas para o mundo. Na tradição brasileira, existe um olhar mais humano. Tome-se, por exemplo, o SUS. Com essa complexidade e esse tamanho, só tem no Brasil. Esse olhar de proteção social precisa ser mantido. Mas nós precisamos encontrar uma fórmula que ele (o sistema previdenciário) se sustente. A fórmula que eu vejo, inicialmente, é incluir mais pessoas no mercado de trabalho formal para incrementar essa base de quem paga para quem já não pode trabalhar. Mas como fazer isso num ambiente onde cada vez mais as pessoas querem empreender individualmente? Ser celetista hoje está fora de moda. Ter carteira de trabalho, que antes era uma conquista, hoje está fora de moda.

Como atrair essas pessoas para o sistema de Previdência?

É um desafio para o governo. E eu quero encarar esse desafio; quero fazer propaganda da aposentadoria, do sistema previdenciário brasileiro. Mas, para fazer essa propaganda, primeiro tem que blindar esse sistema de fraudes e de corrupção. Isso é importante e que a pessoa se sinta atraída e pague para se aposentar lá na frente. Hoje, tem 60 milhões de pessoas que contribuem para se aposentar um dia. É preciso ter mais

gente contribuindo para que ele possa ser mais longo, com potência para pagar a aposentadoria. Eu não tenho ainda uma fórmula totalmente desenhada. Mas é uma prioridade minha deixar um desenho que possa ser um legado de sustentabilidade.

E as outras coisas do ministério? Concurso?

Só notícia boa, graças a Deus. Nossa, chega respirei agora (risos). Que alegria! A gente fez um concurso de perito médico federal aqui, depois de 15 anos. Conseguimos autorização para chamar os 50 peritos.

Quando eles começam a trabalhar?

Agora, em setembro. Eles virão fazer treinamento em Brasília. São médicos jovens e muito bem preparados. Estou muito animado com essa turma que está chegando. Nós vamos colocar 92% desses peritos no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, regiões onde temos os piores índices. Em dois ou três meses, haverá um impacto enorme na fila. E a gente fez o seguinte: ao invés de espalhar os peritos por mais lugares, a gente preferiu concentrar. Em vez de botar um perito em cinco cidades, por exemplo, a gente preferiu botar três em uma, dois em outra.

Por quê?

Porque quando você tem uma fila com apenas um perito, se ele, por qualquer razão, não vai, você complica aquela fila. Faz um represamento e desorganiza tudo. Foi outra coisa que aprendi aqui logo quando cheguei ao Ministério da Previdência. Como tem uma fila de atendimento e ela, digamos, está prevista para 60 dias, se não tiver atendimento hoje, o que você faz com essas pessoas? Não é possível botar para amanhã, porque amanhã já tem gente. Então, essas pessoas vão para o fim da fila. É muito cruel, desumano. Então, essa fila não pode cair. O atendimento não pode ser interrompido, nem por falha do sistema nem por questão de pessoal. Colocando três peritos, se um está doente ou falta, você bota os dois para cobrir.

E a prova de vida? Qual sua avaliação?

Estou querendo modernizar. Vou dar um spoiler. O formato não ficou de pé ainda, mas uma ideia que eu tenho é que a gente possa fazer uma prova de vida por vídeo. Isso vai facilitar ainda mais a identificação do aposentado, para ele não precisar se deslocar para a audiência. Teremos de mudar o modelo dos call centers que funcionam hoje.

Estão com problemas nos call centers?

Há muita reclamação do 135 da Previdência, sobre demora. Eu fui visitar um deles, por coincidência, na minha cidade, em Caruaru. Só tem três call centers no INSS. Um deles é em Caruaru — e não tem nada a ver comigo, né? Está lá há 20 anos (risos). É uma coincidência absurda, né? E não é uma crítica aos atendentes. O modelo é arcaico, e eu não posso mais reclamar disso, entendeu? Eu tenho é que fazer um modelo novo, que funcione melhor, que seja mais moderno. Estou aplicado nesse assunto para a gente conseguir modernizar.

Na sua avaliação, qual a percepção do brasileiro sobre a Previdência?

Eu estava conversando com as pessoas aqui do ministério. Quando a gente fala de Previdência Social e de INSS para o cidadão comum, ela é vista como uma coisa arcaica, atrasada. E eu não posso me render a isso. Eu digo: 'Meus amigos, vamos ter que encontrar um jeito de fazer uma linguagem moderna, uma coisa que comunique melhor.' E não pode ser só retórica; tem que ser mais eficiente no atendimento, que seja mais resolutiva. Tem que ser um modelo que passe uma imagem melhor da Previdência.

A turbulência pela qual o senhor passou na chegada ao ministério pode se repetir na CPMI?

Esses momentos não podem se assemelhar de jeito nenhum. Deus me livre! (risos). Olha, os primeiros



Precisamos encontrar uma fórmula que ele (o sistema previdenciário) se sustente. A fórmula que eu vejo, inicialmente, é incluir mais pessoas no mercado de trabalho formal"



A defesa da soberania nacional pode nos aproximar mais de outras camadas com as quais a gente perdeu a conexão"

30 dias aqui foram, assim, terríveis. Um amigo de muitos anos veio me visitar aqui, hospedado na minha casa. Ficou uns dois dias. Viu-me pouco, porque eu chegava tarde, ele já estava dormindo. Quando eu saía de manhã, ele ainda estava dormindo, porque, aqui em Brasília, é diferente de Pernambuco. Aqui, às 5h30, ainda está de noite. Não sei como é que as pessoas caminham às 6h. Está escuro, né? Em Caruaru, eu moro no sítio. Às 4h, 4h30, os passarinhos já estão cantando. Aqui, se eu quiser sair às 6h30, eu acordo antes dos passarinhos (risos).

E o amigo?

Na outra semana, ele falou: "Que horror! Deus me livre! Não quero mais voltar à tua casa nem tão cedo". Eu falei: "Por quê?". Ele disse: "Rapaz, o clima está pesado demais!" Eu estava dentro daquele negócio, não estava nem percebendo. Foram momentos terríveis. Agora, passou. Eu acho que não vai acontecer nem 10% daquilo. Porque eu tenho uma boa história para contar. Tenho muita segurança nos dados, no momento que estamos vivendo, agora, no ministério e no INSS, e no que aconteceu para trás. Tenho um desenho muito favorável.

Ainda mais porque o senhor conhece o ambiente parlamentar.

Na verdade, quem conhece o ambiente parlamentar sabe que ninguém conhece. Mas aqui eu vou ter que deixar a modéstia um pouco de lado. Quando eu fui para o Senado, foi uma experiência muito desafiadora.

Por quê?

Porque eu sempre estive do outro lado do balcão. Eu era o deputado, que inquiria, que acusava o sujeito que estava depondo. No

Senado, eu estava havia pouquíssimo tempo como ministro. Era uma situação muito delicada, porque eu não estava habituado ainda. Eu não vou fingir o costume de ser ministro de Estado. Ninguém consegue fingir que estava habituado a ser ministro se é a primeira vez que está no cargo. Depois, boa parte da tropa de choque do governo estava na China (em visita oficial). E a gente não tinha todos os dados da investigação, como tem hoje. Não tinha aquela linha do tempo, uma parte daquilo ainda não estava colocada.

E o que aconteceu?

Eu me socorri de quê? Eu encontrei pessoas que já me conheciam. Boa parte dos senadores foram deputados comigo. Então houve um respeito à minha trajetória. Por isso, que eu deixo a modéstia um pouco de lado para dizer o seguinte: pesou muito, naquele momento, a pessoa que eu sou e que eu construí. Isso depôs a meu favor. As pessoas encontraram ali uma pessoa que elas conheciam. Sabiam que não era um picareta que estava ali.

Agora é outro momento?

Ah, sim. Agora, eu já estou sentado na cadeira de ministro. Naquele dia, eu ainda não estava. As pessoas apostavam que eu não ficava 15 dias, outras, que eu não ficava um mês.

Está otimista, então?

Estou preocupado com o cenário político, que possa contaminar a CPMI. Mas estou animado do ponto de vista que nós temos uma boa história para contar, favorável ao governo.

O que pretende dizer?

Vou defender o presidente Lula, porque sempre vi nele alguém

que não queria proteger ninguém e se preocupou verdadeiramente com os aposentados. Na primeira quinzena como ministro, reuni-me com ele lá no Alvorada. Foi uma reunião longa, com muitas pessoas participando. E vi o presidente indignado com o que aconteceu, triste por ter sido com o contingente que ele sempre protegeu. Eu senti isso nele, de forma sincera. E ele disse: "Olha, cuide dos aposentados. A gente tem que proteger essas pessoas. Vamos devolver esse dinheiro para eles. O governo vai ter que encontrar um jeito de devolver o dinheiro. Depois que cada real for pago aos aposentados, a gente vai buscar dos fraudadores".

Isso o marcou?

Essa experiência com o presidente me marcou muito, pela sinceridade dele. Isso dá segurança para a gente tocar o processo aqui, sabendo que tem um respaldo dele. Acho muito injusto ele ser culpado nas pesquisas. Tenho o dever de virar essa chave. A CPMI pode ser um bom momento para isso, para a gente contar essa história.

O cenário político vai ficar cada vez mais conturbado. Será possível trabalhar no primeiro semestre de 2026?

O governo estará fazendo as entregas. Isso vai fortalecendo. Tem muita coisa sendo feita. Não tem comparação. Acontece que governar com um país dividido é muito difícil. Você não convence com trabalho. Não há nenhum argumento que sensibilize o outro lado. É um governo que tem muita entrega, então, eu estou muito animado. Para furar a bolha, é difícil. Mas o governo está num bom momento.

A crise com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, pode influenciar em algo?

A defesa da soberania nacional pode nos aproximar mais de outras camadas com as quais a gente perdeu a conexão.

O tarifaço uniu o Brasil?

Não tanto quanto deveria unir. Eu acredito que ninguém poderia ficar contra. Eu não sei como tem setor da sociedade que se posiciona contra, comemorando as sanções. Aquela frase do Eduardo Bolsonaro dizendo que, se for preciso, vamos queimar a floresta inteira. O que é queimar a floresta inteira? Significa: "Vamos acabar com o Brasil." Trocando em miúdos, está dizendo o seguinte: ou anistia meu pai, ou acaba tudo. É uma frase revoltante. Eu não sei como as pessoas estão anestesiadas a ponto de escutar uma frase daquela sem se indignar.

O senhor consegue ver o Brasil voltando a negociar com os EUA?

Consigo, porque é interessante para os Estados Unidos. Eles são superavitários na relação comercial com o Brasil. Nós temos uma relação comercial de 200 anos com os Estados Unidos, sempre foi bem-sucedida. Eu quero escrever a biografia de Álvaro Lins, que é de Caruaru. Foi um crítico literário e diplomata. E lendo as coisas sobre ele, eu comecei a conhecer um pouco de diplomacia. E vi como as coisas na diplomacia são sutis, lentas, criteriosas. O que o presidente Donald Trump fez com essas tarifas, não só contra o Brasil, é uma afronta à diplomacia e às boas relações que são mantidas com as nações há centenas de anos. Mas eu acredito no bom senso. Acredito que, em alguma medida, o presidente vai ser cobrado pelos interesses norte-americanos.

Como o senhor pretende diminuir a fila do INSS? Os novos peritos estão chegando, mas há problemas com o aplicativo Meu INSS. Como estão olhando isso?

Eu tenho me reunido muito com Rodrigo Assumpção (presidente da Dataprev), porque tenho recebido reclamações do sistema. E o guardião do nosso sistema é a Dataprev. A Dataprev tem se esforçado para nos atender, mas, efetivamente, há muitas críticas em vários estados. É preciso aprimorar o sistema. Mas esse formato dos peritos que nós vamos fazer agora já vai ajudar muito, o enfrentamento da fila. Tenho esperança de que, até o final do ano, a gente possa colocá-la num nível aceitável.

Que seria de quanto? Abaixo de 1 milhão?

Abaixo dos 40 dias de espera. Não pode ser por número. Tem que ser pelo Tempo Médio de Espera de Atendimento, porque nós recebemos 1,3 milhão de novos pedidos por mês. É uma fila que não tem fim. Então, é preciso estabelecer um tempo médio que seja aceitável. O TCU estabeleceu 45 dias. Se você deixar abaixo de 45 dias, pode ter 10 milhões de requerimentos novos, se tiver rodando abaixo de 45 dias, significa que não tem estoque. É um fluxo gigante, mas é um fluxo. Logo, o desafio nosso é colocar a fila para rodar dentro dos 45 dias. Hoje, está com 51 dias. É um nível bom? Não é, porque tem lugares em que em três dias a pessoa recebe a resposta, mas tem lugares que são 100, 90, 80 dias... A meta é ficar abaixo dos 45. A gente chegou a 39 dias, mas subiu, porque tivemos oito meses de greve dos peritos no ano passado.

Alguma ação específica com os servidores do INSS?

Estou querendo fazer aproximação com os servidores do INSS. Quero me reunir, assim, com 2,5 mil servidores. Quero fazer uma reunião grande, um seminário de um dia, para mobilizar. Vamos fazer em São Paulo neste primeiro momento, mas quero falar com todos. Eles estão muito fragilizados. Tem servidor que não usa crachá do INSS, porque é hostilizado na garagem, no restaurante. Quero ajudar a reanimar esse povo, aumentar a autoestima deles. Então eu acho que esse conjunto de iniciativas vai ter resultado. Espero que a CPI não me atrapalhe.